

HELLEN DE AZEVEDO DIAS

**A PERCEPÇÃO DO ACADÊMICO DE ENFERMAGEM FRENTE
AO PROCESSO DE MORTE/MORRER**

Trabalho de conclusão apresentado sob forma de artigo ao curso de Enfermagem do Centro Universitário de Brasília (UNICEUB) sob orientação da Professora Msc. Valéria Cristina da Silva Aguiar.

BRASÍLIA

2017

A PERCEPÇÃO DO ACADÊMICO DE ENFERMAGEM FRENTE AO PROCESSO DE MORTE/MORRER

Hellen de Azevedo Dias¹
Valéria Cristina da Silva Aguiar²

RESUMO: Trata-se de uma pesquisa de campo exploratória com abordagem quantitativa que analisou de forma empírica o conhecimento e a reação de graduandos de enfermagem em relação ao processo morte/morrer, ajudando a compreender como os acadêmicos de enfermagem enfrentam tal questão. Este trabalho tem como intuito refletir sobre a importância do tema para a formação acadêmica. Os dados foram coletados por meio de instrumento de entrevista (questionário semiestruturado) contendo 13 questões com opções variadas, aplicado para 88 discentes do curso de enfermagem, a amostra do estudo foi dividida em duas partes. A análise foi feita quantitativamente, evidenciando o desenvolvimento do acadêmico em todos os aspectos inerentes ao ser humano e conhecendo a percepção do graduando de enfermagem em relação ao processo morte/morrer. A análise com a amostra dos alunos evidenciou que, ao serem questionados sobre o significado do processo de morte/morrer, os discentes mencionaram diversas ideias, dentre as quais se destaca o medo, impotência, bloqueio e negação. Foram usados 18 artigos entre o recorde histórico de 2006 a 2017.

Palavras-chave: Morte/Morrer. Tanatologia. Enfermeiros. Paliativo. A reação do acadêmico. Humanizado.

THE PERCEPTION OF THE NURSING ACADEMIC IN FACE OF THE DEATH / DYING PROCESS

ABSTRACT: This is an exploratory field research with a quantitative approach that empirically analyzed the knowledge and the reaction of nursing undergraduates in face of the death / dying process, in order to help understanding how nursing academics deal with such problem. The objective of this work is the deep thinking on the importance of this matter for academic qualification. Data were collected by means of an interview instrument (semi structured questionnaire) that has 13 questions with many options, so the 88 nursing students can choose to answer, these 88 students were divided in two groups. The analysis was made quantitatively, in order to make clear the development of the academic in all aspects inherent to the human being and also to know the perception of the nursing student about the death / dying process. The analysis on the sampling of the students showed that, when they were asked about the meaning of the death / dying process, they mentioned a lot of ideas, among them fear, impotence, blockade and denial. 18 articles were used in the historical record from 2006 to 2017.

Keywords: Death. Dying. Thanatology. Nurse. Palliative. The reaction of the academic. Humanized.

¹ Graduanda em Enfermagem pelo Centro Universitário de Brasília (UNICEUB).

² Docente/coordenadora do Centro Universitário de Brasília (UNICEUB).

1 INTRODUÇÃO

Morrer cientificamente é deixar de existir. Quando no corpo há falência de seus órgãos, podendo ser subitamente por doenças agudas ou de forma lenta como por uma doença crônica ou degenerativa. Ainda com toda a tecnologia nada é capaz de fazer mortos voltarem à vida. A medicina define a morte biológica com o encerramento dos batimentos cardíacos. O processo de morrer vem de maneira distinta para cada um e é relacionado com suas condições sociais, históricas e culturais. Atualmente, nota-se certa obsessão em adiar a morte, investindo todos os bens financeiros e emocionais nesse processo (LÔBO; ANGHEBEM, 2014).

Na enfermagem, existe uma atenção às técnicas de prolongamento da vida, o ensino reforça a formação científica, proporcionando pouco espaço para abordar os aspectos espirituais, sendo assim a morte está vinculada a derrota. Mesmo sendo uma rotina, os profissionais enfrentam os mesmos dilemas existenciais ao se depararem com a perda, pois convivem de perto e frequentemente com a morte, a grande maioria dos profissionais de enfermagem ainda se sente despreparada para lidar com este evento (LIMA et al., 2013).

Situações de morte podem ser vivenciadas no contexto hospitalar. Curiosamente, ao se verificar as diversas reações e sentimentos dos enfermeiros, percebe-se que alguns ficam em silêncio, outros se isolam ou choram. Eles sempre procuram justificar a morte. É comum o pensamento prático de que a morte é o destino de todo ser humano assim que surgem diversos questionamentos acerca do término da vida, desta forma buscam-se diferentes mecanismos de defesa para tal fenômeno (MOTA et al., 2011).

Nesse contexto, a morte recebeu o estigma de fracasso. Os familiares não se comunicam com a equipe sobre o assunto, a equipe não informa de forma correta o paciente e se obrigam a demonstrar ao doente e familiares que está tudo bem, ocultando a morte. Novamente se observa a questão da obsessão em adiar a morte, concretizada cada vez mais no investimento de criação terapêutica excessiva com o objetivo de adiá-la. O doente não morre mais “em sua hora”, mas sim na hora que a equipe determinar (OLIVEIRA; QUINTANA; BERTONINO, 2010).

Os membros da equipe de enfermagem esquecem que a pessoa, a partir do momento em que nasce, é um ser voltado para a morte, ou seja, a qualquer momento da vida ele está apto a morrer. Esta é uma possibilidade concreta, dessa forma o profissional sofre diante de um certo menosprezo com o tema e da adoração da ideia de eternidade (FERNANDES et al., 2016).

Pensando por esse aspecto, estudantes do curso de enfermagem revelam não se sentir preparados, durante o curso, para prestar cuidados transpessoais. Embora o curso seja muito completo, sente-se uma defasagem no momento de dar conforto, dialogar, incentivar e

expressar sentimentos corretos em momentos de proximidade com a morte, tais ações são voltadas para a chamada “humanização da assistência” e não atingem suficiência no desenvolver da habilidade dos discentes para tal exercício profissional (NUNES; SILVA e PIRES, 2011).

Contudo sabe-se que o currículo nacional do curso de enfermagem define que a educação superior deve primar pelo desenvolvimento de competência e habilidades humanísticas (crítico-reflexiva) voltadas para a dimensão biopsicossocial do ser humano, tendo responsabilidade na saúde integral do outro (autocuidado físico-mental), entretanto esse desenvolvimento do processo do cuidado depara-se com limitações pessoais (NUNES et al., 2016).

Por outro lado, é importante salientar que a morte, no que se conhece, é uma experiência calada no saber científico. Muitas vezes se esquece de dar importância para o lado psicossocial, desta forma o enfermeiro acaba percebendo seu envolvimento em todas as questões referentes à morte de seus pacientes, isso justifica mais ainda a importância de se pesquisar acerca da temática, procurando conhecer as diferentes formas de o enfermeiro lidar com a questão e os sentimentos que emergem na convivência direta com a morte (NASCIMENTO et al., 2016).

O objetivo desse estudo é conhecer a percepção, do graduando de enfermagem em relação ao processo morte/morrer.

2 METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa de campo com abordagem quantitativa de forma empírica que analisou a percepção do graduando do curso de enfermagem sobre o processo de morte/morrer. Foi utilizado um (01) instrumento de coleta de dados (questionário semiestruturado).

O questionário semiestruturado (anexo A) foi aplicado em duas (02) categorias sendo a primeira aplicada aos alunos do 1º, 2º e 3º semestres do curso e a segunda, aos alunos em fase final da graduação, isto é, 8º, 9º e 10º semestres. Foram excluídos apenas os alunos que já estão incluídos no meio hospitalar por meio de curso de nível técnico. Desta forma, foi possível realizar o comparativo de crescimento e de preparo ao longo do curso utilizando cálculos baseados em estatísticas descritivas e demonstrados em tabelas que foram analisadas e discutidas.

A primeira parte do questionário permitiu análise do perfil socioeconômico dos sujeitos da pesquisa e a segunda parte, o conhecimento deles em relação a morte e quais são os seus medos e anseios em relação a tal, sendo também analisado o ganho no decorrer do curso.

As fontes secundárias são artigos de periódicos científicos e produções oficiais, adquiridas após o levantamento bibliográfico eletrônico implementado em bases de dados informatizadas nacionais e internacionais (BVS; MEDLINE).

A fim de respeitar integralmente os dispositivos expostos com a resolução de número 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), relacionada às “diretrizes e normas regulamentadoras em pesquisa utilizando seres humanos”, o presente projeto de pesquisa foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) do Centro Universitário de Brasília (UNICEUB) sob o parecer 2194418. Todas as medidas protetivas foram tomadas integralmente.

Os dados obtidos, por meio do instrumento, foram organizados para posterior análise no *software* Microsoft Excel 2016, pertencente ao pacote Microsoft Office 2016 for Windows.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A população do estudo foi dividida em duas partes. A análise foi feita quantitativamente, evidenciando o conhecimento e a percepção dos alunos dos cursos de enfermagem do turno matutino sobre a morte. Na amostra há um número total (n) de 88 participantes, divididos em duas partes, na 1ª, analisou-se a população de 53 discentes do 1º, 2º e 3º semestres; na amostra 2, 35 discentes do 8º, 9º e 10º semestres, do mesmo curso.

As amostras foram analisadas em busca do conhecimento sobre o processo de morte/morrer dos acadêmicos, levando em conta a frequência das disciplinas que abordam o tema, o preparo dos alunos para lidar com situação de morte e outras questões que estão relacionadas ao lidar com a morte essas serão demonstradas ao longo da pesquisa. De modo geral, serão analisados tanto o comportamento quanto à forma emocional de lidar com o processo dos acadêmicos.

O resultado da análise com a amostra dos alunos evidenciou que, ao serem questionados sobre o significado da morte e/ou processo de morte/morrer, os discentes mencionaram diversas ideias, dentre as quais se destaca “o medo de perder pacientes durante o exercício de sua futura profissão”. Isso é mostrado na tabela 1, percebe-se que tanto no grupo de início de curso quanto no de final o que se destaca é a opção 2: a maior parte do tempo.

Mesmo com a queda no decorrer do curso, que foi mínima, de apenas 3 discentes, ainda assim o número continua preocupante, levando em consideração que o processo morte/morrer será algo constante em seu ambiente de trabalho.

Tabela 1 – Pergunta 02. Teve ou tem medo de perder paciente?

1º, 2º, 3º semestres			8º, 9º, 10º semestres		
Opção	Quantos	%	Opção	Quantos	%
1ª Durante todo o tempo.	19	35,85%	1ª Durante todo o tempo.	4	11,43%
2ª A maior parte do tempo.	20	37,74%	2ª A maior parte do tempo.	17	48,57%
3ª Durante pouco tempo.	9	16,98%	3ª Durante pouco tempo.	10	28,57%
4ª Em nenhum momento.	5	9,43%	4ª Em nenhum momento.	3	8,57%
Não responderam	0	0,00%	Não responderam	1	2,86%
Total	53	100,00%	Total	35	100,00%

Segundo Dias et al. (2014), na graduação do curso de enfermagem, baseando-se nas matérias e nas ementas curriculares, percebe-se o esforço em formar profissionais basicamente generalistas com foco em diversos cenários, porém apenas nos aspectos que contemplem o viver humano. Assim, é necessário apoiar-se em abordagens de formas ampliadas, não fragmentadas, até pouco específicas, as quais proporcionarão um olhar atento a questões que envolvem o ser humano em vida, e não em morte. Dessa forma, os currículos enfatizam a importância do cuidado ao preservar a vida e as questões que envolvem a finitude dela são, comumente, delegadas para um segundo ou terceiro plano.

Esta mesma população foi questionada se o contato constante com a morte o faz ou faria sentir-se impotente, a fim de analisar como a morte afetaria a prestação de serviço desses acadêmicos, uma vez que a rotina do setor não para quando algum paciente evolui ao óbito. Pode-se observar que, na tabela 2, a 3ª opção: “Durante pouco tempo” foi a mais marcada pelos participantes, o que mostra que mesmo que o contato com a morte os abalasse, eles continuariam prestando assistência, porém há a dúvida se essa assistência sofreria algum tipo de prejuízo.

Tabela 2 – Pergunta 01. O contato constante com a morte o faz ou faria sentir-se impotente?

1º, 2º, 3º semestres			8º, 9º, 10º semestres		
Opção	Quantos	%	Opção	Quantos	%
1ª Durante todo o tempo.	3	5,66%	1ª Durante todo o tempo.	3	8,57%
2ª A maior parte do tempo.	17	32,08%	2ª A maior parte do tempo.	10	28,57%
3ª Durante pouco tempo.	31	58,49%	3ª Durante pouco tempo.	16	45,71%
4ª Em nenhum momento.	2	3,77%	4ª Em nenhum momento.	4	11,43%
Não responderam.	0	0%	Não responderam.	2	5,71%
Total	53	100,00%	Total	35	100,00%

No âmbito acadêmico, os estudantes de enfermagem se deparam com a morte logo nos primeiros semestres, em que lidam com cadáveres e peças anatômicas em laboratório nas aulas de anatomia. Na maioria das vezes o desconforto gerado por estar diante de um cadáver, não é comentado e o conceito de morte passa a ser banalizado. Nesse sentido a importância necessária sobre o tema morte durante a graduação é despercebida (SILVA JÚNIOR et al., 2011).

O envolvimento com a morte pode trazer consequências na forma de realizar as tarefas para os acadêmicos, percebe-se que 2ª opção (a maior parte do tempo) também foi bastante escolhida, uma média de 30%.

A morte é algo doloroso e que pode remeter a lembranças de perdas passadas. Na tabela 3, onde 89,77% dos participantes alegaram terem tido uma morte próxima no seu meio pessoal: entre amigos, família e outros. Portanto nada mais natural do que a solidariedade com o outro a partir da própria experiência.

Tabela 3 – Pergunta 05. Teve contato com alguma morte próxima? Se sim, qual?

1º, 2º, 3º semestres			8º, 9º, 10º semestres		
Opção	Quantos	%	Opção	Quantos	%
Familiares	44	83,02%	Familiares	23	65,72%
Amigos		0,00%	Amigos	3	8,57%
Pacientes		0,00%	Pacientes	6	17,14%
Outros		0,00%	Outros	3	8,57%
Não tiveram	9	16,98%	Não tiveram	0	0,00%
Total	53	100,00%	Total	35	100,00%

O enfermeiro enquanto cuidador visa o equilíbrio do indivíduo e da família, e mesmo assim enfrentam um dilema, pois devem utilizar vários mecanismos pessoais e emocionais para lidar com a morte. Pensando assim, foram analisados quais os principais mecanismos para lidar com a morte e qual o impacto deles.

Na tabela 4, verifica-se que a religião foi apontada como a principal estratégia correspondendo a 69,31%, das respostas a religião predominante foi o cristianismo (católicos/evangélicos) corresponde à maioria, com 80,32% das escolhas (tabela 5).

Tabela 4 – Pergunta 04. Existe alguma estratégia utilizada para lidar com a situação de morte?
Se sim, qual?

1º, 2º, 3º semestres			8º, 9º, 10º semestres		
Opção	Quantos	%	Opção	Quantos	%
Negação	0	0,00%	Negação	0	0,00%
Religião	38	71,70%	Religião	23	65,71%
Indiferença	3	5,66%	Indiferença	3	8,57%
Outros	9	16,98%	Outros	6	17,14%
Nada	3	5,66%	Nada	3	8,57%
Total	53	100,00%	Total	35	100,00%

Tabela 5 – Pergunta 04. Dos que responderam religião.

1º, 2º, 3º semestres			8º, 9º, 10º semestres		
Opção	Quantos	%	Opção	Quantos	%
Espíritas	6	15,79%	Espíritas	2	8,70%
Católicos	10	26,32%	Católicos	14	60,87%
Evangélicos	18	47,37%	Evangélicos	7	30,43%
Sem religião	1	2,63%	Sem religião	0	0,00%
Não responderam	1	2,63%	Não responderam	0	0,00%
Outros	2	5,26%	Outros	0	0,00%
Total	38	100,00%	Total	23	100,00%

Observa-se que o processo de luto é influenciado por uma perda física de um familiar, uma pessoa querida, um paciente ou até mesmo um animal de estimação, e quanto mais próxima for perda para o indivíduo, mais intenso será o processo.

Entre os fatores mais determinantes para decidir quanto tempo e de qual maneira o indivíduo passa por esse processo haverá a religiosidade, que de certa forma tornará menos doloroso e mais aceitável o processo para aqueles indivíduos que manifestam sua fé e a põem em prática. A religiosidade possui um papel importante no enfrentamento e tratamento de doenças terminais. Atualmente, além dos cuidados físicos, mentais e sociais, o profissional de enfermagem tem procurado oferecer cuidados espirituais, permitindo que os pacientes e familiares que os solicitem recebam a presença de líderes religiosos, como padres, pastores (LIMA, 2015).

Lidar com a morte é desafiador e doloroso para quem convive com ela constantemente, pois de forma instintiva é um medo comum do ser humano. Isso se tornou um tabu social ao longo do tempo. A forma com que se veicula a notícia da morte dificulta o processo de aceitação em que há a perda, e ela é rotineira. Muitas vezes, ao mencionar uma tragédia, a mídia utiliza termos que já induzem ao pensamento negativo, referenciando a morte como: “não resistiu”, isso faz a morte ganhar um significado ainda mais obscuro (PEREIRA, 2013).

Dessa forma, ao serem questionados sobre o sentimento predominante quando se menciona a morte, percebe-se que sentimentos negativos como “sofrimento” foram os mais escolhidos pelos acadêmicos: 47,17% (1º, 2º e 3º semestres) e 28,57% (8º, 9º e 10º semestres).

Tabela 6 – Pergunta 11. Qual o seu sentimento em relação à morte?

1º, 2º, 3º semestres			8º, 9º, 10º semestres		
Opção	Quantos	%	Opção	Quantos	%
Incapacidade	3	5,66%	Incapacidade	6	17,14%
Sufrimento	25	47,17%	Sufrimento	10	28,57%
Tranquilidade	5	9,43%	Tranquilidade	5	14,29%
Impotência	10	18,87%	Impotência	9	25,71%
Outros	9	16,98%	Outros	5	14,29%
Não responderam	1	1,89%	Não responderam	0	0,00%
Total	53	100,00%	Total	35	100,00%

Esse tabu cultural, fez com que os assuntos relacionados a morte dificultassem o processo de ensinar das instituições de ensino, uma vez que o assunto é “desagradável” para a maioria dos discentes e também dos docentes. Fica claro o desafio de humanizar futuros enfermeiros quanto ao tema, afinal lidar com a morte de maneira natural e mantendo a delicadeza que o tema exige é uma forma de humanizar, não tendo este tato ao concluir a graduação o acadêmico sofre um bloqueio relacionado ao tema a ao enfrentamento dele (AREOSA, 2014)

O ser pode ser dividido em 2 “o ser” individual, como lidaria com questões que envolvem a morte/morrer em seu meio social e “o ser” profissional, como lidaria com essas questões em seu âmbito profissional, quando questionados sobre seu ser profissional foram obtidas essas respostas.

Analisando o assunto, os dados da tabela 7 evidenciam que 52,83% (1º, 2º e 3º semestre) e 54,29% (8º, 9º e 10º semestre) sentem-se despreparados em relação a morte, um valor preocupante e real que marca a existência de um desconforto na vida profissional do enfermeiro ao se falar sobre o fenômeno da morte. Isso demonstra a necessidade de uma educação mais efetiva sobre o assunto ainda durante a graduação, para que se formem profissionais mais humanizados e mais preparados para lidar com o processo de morte e morrer.

Tabela 7 – Pergunta 10. Como você se sente em relação à morte na sua formação profissional?

1º, 2º, 3º semestres			8º, 9º, 10º semestres		
Opção	Quantos	%	Opção	Quantos	%
Preparados	12	22,64%	Preparados	7	20,00%
Despreparados	28	52,83%	Despreparados	19	54,29%
Indiferentes	3	5,66%	Indiferentes	1	2,86%
Outros	10	18,87%	Outros	8	22,86%
Total	53	100,00%	Total	35	100,00%

A resistência do profissional frente a temática nasce do princípio de que foram formados e ensinados a sempre em todas as hipóteses buscar a vida e a cura para seus pacientes, como é citado por Rockembach (2016 p. 64): “porquanto temos cristalizado em nosso ser o jargão ‘enquanto há vida há esperança’. Neste sentido, vivencia-se um dilema existencial em função do valor negativo dado à finitude humana”. Não se sabe lidar com o limite terapêutico, quando seu serviço é apenas requisitado para o conforto e não mais para a cura.

Quando se depara com o limite terapêutico o cuidado é paliativo e a doença não responde mais ao tratamento curativo, portanto, trata-se de um cuidado integral, que visa principalmente o bem-estar do paciente, fornecendo uma melhor qualidade de vida para ele e sua família. Logo, é uma modalidade assistencial diferenciada, visa à prevenção e o alívio do sofrimento, diminuindo sintomas físicos, psicossociais, e também espirituais. Tentando integrá-los ao ambiente hospitalar e resgatando sua dignidade (PEREIRA, 2017).

Qualquer alteração na dinâmica familiar afeta todos os integrantes envolvidos no cuidado do paciente terminal, sendo necessário o apoio e cuidado da equipe de enfermagem, pois ela dá suporte ao paciente para enfrentar a doença e o processo da morte. O que se espera dos enfermeiros é que valorizem os aspectos biopsicoespiritual do paciente. Por isso a necessidade da abordagem psicoespiritual do paciente exige que o enfermeiro tenha uma capacitação mais aprofundada no sentido da humanização (RIBEIRO, 2016).

Tabela 8 – Pergunta 13. Já se deparou com o limite terapêutico? Se sim, como?

8º, 9º, 10º semestres		
Opção	Quantos	%
Incapaz	7	20,00%
Triste	8	22,86%
Muito triste	1	2,86%
Outros	0	0,00%
Nunca se depararam	7	20,00%
Não souberam dizer	12	34,29%
Total	35	100,00%

Ao analisar a tabela 8 percebe-se que 34% não sabem responder, sentem-se desconfortável apenas por pensar na proposta, outros 20% alegam nunca terem enfrentado tal desafio, de onde observa-se uma defasagem do acadêmico quanto à abordagem do tema morte/morrer na matriz curricular do curso de enfermagem.

Havendo um maior investimento seria possível mudar a atitude de enfrentamento dos acadêmicos, porém esse fato necessita principalmente da postura do acadêmico a fim que ele também sinta a necessidade de ser mais humanizado e preparado para enfrentar o tema, evitando

a sensação de desconforto ainda durante a graduação, seu período de estágio obrigatório e durante o exercício da profissão.

Segundo Barbosa et al. (2011), os profissionais da saúde em questão os enfermeiros não estão preparados para lidar com o processo de morte/morrer. E tal falta de preparo em sua formação profissional prejudica o lidar com situações que envolve a morte de seus pacientes, confirmando assim a hipótese levantada. Barbosa et al. (2011) ainda cita que “A formação profissional não privilegia o fortalecimento emocional dos profissionais de saúde”. A formação da enfermagem ainda é fragmentada, e voltada apenas para o cuidar.

Já existe algumas universidades e faculdades no país que têm tratado de forma diferencial a temática da morte, com a inclusão de disciplinas específicas na área do estudo da tanatologia que é uma disciplina que tem como finalidade estudar a morte e o morrer. Uma vez que tanatologia vem do grego *Thanatos*: figura da mitologia grega que simboliza a morte e *logia*: estudo, ciência (OLIVEIRA, 2017).

Na instituição de ensino onde a pesquisa foi realizada, há sim a inclusão da temática em sua matriz curricular (como disponível no currículo do UNICEUB³), porém de forma fragmentada em várias disciplinas como disposto na tabela 9, entretanto os entrevistados sentem dificuldade de reconhecer o estudo da morte dentro das disciplinas, por falta de estímulo ou mesmo pela dificuldade do docente em verbalizar a temática.

Tabela 9 – Pergunta 06. Na graduação alguma disciplina abordou o tema morte? Se sim, qual (is)?

1º, 2º, 3º semestres			8º, 9º, 10º semestres		
Opção	Quantos	%	Opção	Quantos	%
Rel. Psicossociais	1	1,89%	Rel. Psicossociais	10	28,57%
Ética e bioética	28	52,83%	Ética e bioética	7	20,00%
Paciente crítico	0	0,00%	Paciente crítico	7	20,00%
Outros	0	0,00%	Outros	0	0,00%
Não souberam resp.	19	35,85%	Não souberam resp.	0	0,00%
Não tiveram	5	9,43%	Não tiveram	11	31,43%
Total	53	100,00%	Total	35	100,00%

Por meio deste dado, é possível identificar uma maior dificuldade dos acadêmicos e futuros enfermeiros em lidar com o processo de morte. Existe um desconforto na vida profissional do enfermeiro ao se falar sobre o fenômeno da morte. Isso demonstra a necessidade de uma educação mais efetiva sobre o assunto ainda durante a graduação, para que se formem profissionais que entendam o processo da morte como algo integrante ao processo vida, assim podendo de melhor forma lidar com o processo e principalmente verbalizar sobre ele.

³ <https://www.uniceub.br/processo-seletivo/vestibular/enfermagem.aspx#c>

Observa-se que 31% dos discentes de final de curso entrevistados disseram não possuir disciplina alguma sobre o tema, esse fato está ligado à deficiência do ensino da tanatologia na graduação, em que o curso, de uma maneira geral, oferece a temática em sala de aula ou campo de prática superficialmente, nesse sentido observa-se uma grande dificuldade dos entrevistados para identificar o conteúdo sendo ministrado, por não o perceber ou não terem interesse sobre o mesmo.

Percebe-se a necessidade de futuras investigações acerca da temática, que sejam propositivas no sentido de testarem propostas e modelos de intervenção, tanto no plano da formação acadêmica como do treinamento continuado dos profissionais, visando, entre outros propósitos, a reestruturação dos currículos dos cursos de enfermagem e a capacitação dos docentes para abordar o assunto. (SANTOS, 2013).

Salienta-se que o tema é sim abordado, porém de modo muito pouco efetivo, pois o docente também como profissional da área de enfermagem pode sentir-se desconfortável ao lidar com o tema morte, uma vez que as disciplinas escolhidas para abordar o tema não são específicas e podem estar com um profissional não preparado para o tema morte em questão, provocando uma dificuldade em reconhecer esse assunto inserido em suas disciplinas afinal há também a questão do próprio acadêmico não se interessar em buscar o conteúdo.

Isso reflete nas atitudes e enfrentamento dos acadêmicos e futuros profissionais de enfermagem uma vez que esse fato repercutirá principalmente na postura do acadêmico podendo evidenciar um extremo desconforto, ainda durante sua graduação, sendo percebida basicamente em seu período de estágio obrigatório, em que poderá vivenciar alguma situação envolvendo morte. A forma como esse encontro for feito refletirá em como esse profissional lidará com o tema no futuro (PEREIRA et al., 2014).

4 CONCLUSÃO

Para os participantes do trabalho, a morte não é reconhecida como um fenômeno normal de ruptura da vida, mas sim como um evento distanciado do processo de viver. A partir da análise das respostas dos questionários, foi possível identificar uma dificuldade importante dos alunos da graduação em lidar com o tema morte. Há também fortes evidências de que o tema ainda não é abordado de forma incisiva na graduação, cabendo aos alunos buscar os conhecimentos sobre o assunto, ou simplesmente negar o tema.

A educação formal sobre a morte e o morrer pode diminuir a dificuldade de tratar o assunto com pacientes e familiares que perderam entes queridos, porém claramente no íntimo do acadêmico há uma resistência em lidar com o assunto, o que é uma barreira para a formação mais humanizada neste tema, há uma dificuldade para as instituições encontrarem como podem de forma efetiva estimular no acadêmico o interesse.

Ao refletir sobre a importância do tema para a formação acadêmica dos alunos, obteve-se como resultado principal a constatação de que o interesse no assunto ocorre de maneira superficial, mostrando que os discentes sentem carência de uma educação efetiva e que desmistifiquem o assunto que se refere ao ensino do processo de morte/morrer.

Diante dos indicadores, pode-se inferir que o ensino da morte, objetivando pontualmente o cuidado e a assistência ao paciente e familiares com assuntos envoltos na morte, tem muito a desenvolver, para atingir uma forma mais facilitada a todos os integrantes (discentes e docentes) e uma formação humanizada, sem esquecer o preparo emocional do enfermeiro como ser humano.

O resultado do presente estudo também contribuiu para indicar a necessidade de uma nova forma de abordagem para o ensino do processo morrer, uma implementação eficaz sobre o tema, sendo abordado de maneira direta e abrangente na matriz curricular, pois é evidente que o tema necessita de uma atenção, para possibilitar a qualificação completa dos futuros enfermeiros.

O ensino da morte no curso de enfermagem poderá desmistificar o significado que “ela” tem, e que, consoante a pesquisa realizada, são sentimentos e condutas negativas, assim talvez a efetividade do ensino de tanatologia possibilite a volta da naturalização da morte e esclareça questões, profissionais e emocionais.

O comprometimento das instituições e dos acadêmicos no ensino de forma ampla é o ideal, e se faz necessário para um maior aproveitamento do estudante, gerando profissionais mais capacitados para lidar com a situação tão delicada.

REFERÊNCIAS

- AREOSA, S. V. C. et al. As representações sobre a morte e o morrer na visão de acadêmicas de enfermagem. **Memorialidades**, v. 7, n. 13, p. 143-79, 2014.
- BARBOSA, C. S. P. et al. **Percepção da morte no olhar do enfermeiro**. XV Encontro Latino Americano de Iniciação Científica e XI Encontro Latino Americano de Pós-Graduação – Universidade do Vale do Paraíba, 2011.
- FERNANDES, M. E. N. et al. A morte em Unidade de Terapia Intensiva: percepções do enfermeiro. **Northeast Network Nursing Journal**, Fortaleza/CE, v. 7, n. 1, p. 43-51, jan./abr. 2006.
- DIAS, M. V. et al. Formação do enfermeiro em relação ao processo de morte-morrer: percepções à luz do pensamento complexo. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Rio Grande/RS, v. 35, n. 4, p. 79-85, dez. 2014.
- LIMA, F. M. D. **Religiosidade e o enfrentamento da morte**: a visão dos graduandos de saúde, Ceilândia/DF, ago. 2015.
- LIMA, M. G. R. D. et al. Percepção de estudantes de enfermagem sobre a morte e o morrer: revisão de literatura. **Journal of Nursing UFPE/Revista de enfermagem UFPE (online)**, v. 7, n. 12, p. 7127-7132, nov. 2013.
- LÔBO, C. R.; ANGHEBEM, N. A. A morte e o morrer: análise e percepção dos acadêmicos de enfermagem. **Revista de Medicina e Saúde de Brasília**, Brasília/DF, v. 3, n. 2, p. 145-61, jun. 2014.
- MOTA, M. S. et al. Reações e sentimentos de profissionais da enfermagem frente à morte dos pacientes sob seus cuidados. **Revista Gaúcha de Enfermagem (online)**, Porto Alegre/RS, v. 32, n. 2, mar. 2011.
- NASCIMENTO, C. A. D. D. et al. A significação do óbito hospitalar para enfermeiros e médicos. **Revista da Rede de Enfermagem do Nordeste**, Fortaleza/CE, v. 7, n. 1, p. 52-60, jan./abr. 2006.
- NUNES, E. C. D. A.; SILVA, L. W. S. D.; PIRES, E. P. O. R. O ensino superior de enfermagem: implicações da formação profissional para o cuidado transpessoal. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto/SP, v. 19, n. 2, p. 252-60, mar./abr. 2011.
- NUNES, E. C. D. A. et al. Agrupamento multidisciplinar de acolhimento –ama: uma experiência de ensino-pesquisa-extensão aplicada ao cuidado da família no contexto hospitalar. **Revista Conexão UEPG**, Ponta Grossa/PR, v. 12, n. 1, p. 10-25, jan./abr. 2016.
- OLIVEIRA, F. A. D. et al. Os sentimentos e condutas da equipe de enfermagem diante da morte do paciente. **Vita et Sanitas**, Trindade/GO, v. 6, n. 1, p. 115-134, jan./dez. 2012.

OLIVEIRA, S. G.; QUINTANA, A. M.; BERTOLINO, K. C. O. Reflexões acerca da morte: um desafio para a enfermagem. **Revista Brasileira de Enfermagem (online)**, Brasília/DF, v. 63, n. 6, p. 1077-80, nov./dez. 2010.

PEREIRA, D. G. et al. Significados dos cuidados paliativos na ótica de enfermeiros e gestores da atenção primária à saúde. **Revista de enfermagem UFPE on line**, v. 11, n. 3, p. 1357-64, 2017.

PEREIRA, J. C. Procedimentos para lidar com o tabu da morte. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 9, p. 2699-709, out. 2013.

PEREIRA, F. C. S. D. M. et al. Acadêmico de enfermagem frente à morte no campo de prática hospitalar. **Revista Interdisciplinar**, Teresina/PI, v. 7, n. 4, p. 124-30, out./dez. 2014.

RIBEIRO, J. P. et al. **Assistência de enfermagem ao paciente oncológico hospitalizado:** diagnósticos e intervenções relacionadas às necessidades psicossociais e psicoespirituais. *Revista de Pesquisa: Cuidado é Fundamental Online*, v. 8, n. 4, p. 5136-42, 2016.

ROCKEMBACH, J. V.; CASARIN, S. T.; SIQUEIRA, H. C. H. de. Morte pediátrica no cotidiano de trabalho do enfermeiro: sentimentos e estratégias de enfrentamento. **Revista Rene**, Fortaleza/CE, v. 11, n. 2, p. 63-71, abr./jun. 2010.

SANTOS, M. A. D.; HORMANEZ, M. Atitude frente à morte em profissionais e estudantes de enfermagem: revisão da produção científica da última década. **Ciência & Saúde Coletiva**, Ribeirão Preto/SP, v. 18, n. 9, p. 2757-68, maio 2013.

SILVA JÚNIOR, F. J. G. D. et al. Processo de morte e morrer: evidências da literatura científica de Enfermagem. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília/DF, v. 64, n. 6, p. 122-6, nov./dez. 2011.

ANEXO A – QUESTIONÁRIO SEMIESTRUTURADO

1 = Durante todo o tempo.

2 = A maior parte do tempo.

3 = Durante pouco tempo.

4 = Em nenhum momento.

PERGUNTA	1	2	3	4
1) O contato constante com a morte faz ou faria sentir-se impotente?				
2) Teve ou tem medo de perder paciente?				
3) Já houve preparo durante a formação profissional para lidar com a situação da morte? Se sim, qual?	<input type="checkbox"/> Disciplinas específicas <input type="checkbox"/> Palestras sobre especialidades (dentro da faculdade) <input type="checkbox"/> Projetos de extensão na abordagem do tema (dentro da faculdade) <input type="checkbox"/> Outros			
4) Existe alguma estratégia utilizada para lidar com a situação de morte? Se sim, qual?	<input type="checkbox"/> Negação <input type="checkbox"/> Religião <input type="checkbox"/> Indiferença <input type="checkbox"/> Outros			
5) Teve contato com alguma morte próxima? Se sim, qual?	<input type="checkbox"/> Familiares <input type="checkbox"/> Amigos <input type="checkbox"/> Pacientes <input type="checkbox"/> Outros			
6) Na graduação alguma disciplina abordou o tema morte? Se sim, qual (is)?	<input type="checkbox"/> Relações Psicossociais <input type="checkbox"/> Ética e bioética <input type="checkbox"/> Paciente Crítico <input type="checkbox"/> Outros			

	1	2	3	4
7) Sente ou sentiria vergonha de demonstrar tristeza por meio de choro?				
8) A morte do paciente interfere ou interferirá na sua prestação de serviço?				
9) Já morreu algum paciente durante o estágio? Se sim, como se sentiu?	<input type="checkbox"/> Triste <input type="checkbox"/> Muito triste <input type="checkbox"/> Normal, uma vez que a morte faz parte do cotidiano <input type="checkbox"/> Incapaz			
10) Como você se sente em relação à morte na sua formação profissional?	<input type="checkbox"/> Preparado <input type="checkbox"/> Despreparado <input type="checkbox"/> Indiferente <input type="checkbox"/> Outros			
11) Qual o seu sentimento em relação à morte?	<input type="checkbox"/> Incapacidade <input type="checkbox"/> Sofrimento <input type="checkbox"/> Tranquilidade <input type="checkbox"/> Impotência <input type="checkbox"/> Outros			
SOMENTE PARA ALUNOS MATRICULADOS NO 8º/ 9º/ 10º SEMESTRES				
12) Ao longo do curso você mudou seu pensamento em relação à morte? Se sim, como?	<input type="checkbox"/> Sinto-me preparado <input type="checkbox"/> Sinto-me amedrontado <input type="checkbox"/> Sinto-me ansioso <input type="checkbox"/> Outros			
13) Já se deparou com o limite terapêutico? Se sim, como?	<input type="checkbox"/> Incapaz <input type="checkbox"/> Triste <input type="checkbox"/> Muito triste <input type="checkbox"/> Outros			